

Apresentar novas investigações sobre Timor-Leste: Percursos, estratégias e representações socioculturais de um grupo de estudantes timorenses em Portugal

Dália Cristóvão⁶, Pedro Nogueira⁷

Introdução

No final de 2008 a Secretaria de Estado dos Recursos Naturais de Timor Leste (SERN) disponibilizou dez bolsas de estudo para a formação de mestres na área da Cartografia Geológica. Foram seleccionados dez estudantes para frequentarem o Mestrado em Ciências da Terra, da Atmosfera e do Espaço – Ramo de Processos Geológicos, na Universidade de Évora, em Portugal. Durante dois anos (entre Fevereiro de 2009 e Fevereiro de 2011), este grupo de estudantes timorenses fixou residência em Évora, com o intuito de prosseguir os seus estudos de pós-graduação. Durante esse período viveram uma realidade com características diferentes daquelas que conheciam, em termos culturais, linguísticos e académicos.

O mestrado encontra-se estruturado em quatro semestres: três lectivos, que no caso decorreram entre Setembro de 2009 e Fevereiro de 2011, e um para a realização da tese, entre Março e Setembro de 2011, que os estudantes já realizaram em território timorense. Para a recepção deste grupo de estudantes foi decidido que o seu período de estadia em Portugal iniciar-se-ia com a frequência obrigatória de um semestre propedêutico, entre Fevereiro e Julho de 2009, com o objectivo de colmatar lacunas, diminuir o espaço de novidade relativamente ao modelo de ensino em Portugal e procurar uniformizar os conhecimentos de base.

A identificação das estratégias de integração utilizadas quer pelos estudantes quer pela instituição de acolhimento e o resultado desta experiência no futuro pessoal e profissional dos estudantes constituem os objectivos a alcançar com esta análise. Trata-se de um estudo de caso, para o qual adoptámos uma abordagem qualitativa.

As técnicas utilizadas consistiram na observação directa e na realização de entrevistas semi-estruturadas aos estudantes. As entrevistas foram estruturadas em torno dos seguintes temas:

- Caracterização sociocultural e académica
- Expectativas iniciais
- Estratégias de integração
- Aspectos positivos e negativos da sua experiência social e académica
- Expectativas futuras

Migração estudantil: breve enquadramento teórico

Os fenómenos migratórios sempre acompanharam o percurso da humanidade. Por diferentes motivos, em diferentes contextos, com consequências diversas, alterando-se à medida que as sociedades se foram modificando. Também os estudos efectuados sobre esta temática têm assumido vários enfoques analíticos ao longo do tempo: as explicações assentes exclusivamente no racionalismo económico do migrante enquanto indivíduo foram dando lugar a análises mais abrangentes que consideram o contexto histórico e social enquanto estruturadores da acção individual (Peixoto 2004). Mais recentemente, a partir dos anos 90 do século XX, é introduzida a noção de transnacionalidade, a qual pretende realçar as diversas relações que os migrantes mantêm simultaneamente com os países de origem e de destino, provocando uma ampliação de fronteiras, não apenas físicas mas também sociais e culturais (Glick Schiller et al 1995; Levitt e Jaworsky 2007).

⁶ CISA-AS, Universidade de Évora, Portugal.

⁷ Departamento de Geociências, Universidade de Évora; Centro de Geologia, Universidade do Porto.

Os indivíduos que se deslocam do seu local de origem com o propósito de estudar incluem-se na designação genérica de migração⁸, no entanto as características específicas desses migrantes (deslocação temporária, com elevada probabilidade de regresso, associada a outras motivações que não exclusivamente económicas) têm contribuído para que a designação de mobilidade estudantil se tenha generalizado na literatura sobre o tema (King et al 2010), abarcando situações que tanto podem incluir a mobilidade intra-nacional como internacional, de duração variável entre alguns meses a alguns anos, para efectuar intercâmbios entre programas universitários ou para obter ciclos de estudos completos.

Tratando-se de um tipo particular de migração, a mobilidade estudantil internacional também não constitui um fenómeno recente, tendo-se no entanto intensificado bastante nas últimas décadas nomeadamente quando falamos de formação universitária⁹ (OECD 2010). Este aumento explica-se por uma multiplicidade de factores, como a crescente exigência por mão-de-obra qualificada a nível dos mercados internacionais e das economias emergentes, redução dos custos de transporte e comunicações, maior competição a nível das instituições de ensino superior no recrutamento de novos alunos e novas formas de receitas (IOM 2008).

Uma das questões que se colocam relativamente à análise da migração estudantil internacional é perceber até que ponto esse tipo de mobilidade constitui uma antecipação para uma emigração qualificada, traduzindo-se numa fuga de cérebros (*brain drain*), e quais as consequências sobre as economias, nomeadamente dos países em desenvolvimento. No entanto diversas análises procuram mostrar que a emigração qualificada não se traduz necessariamente numa perda de capital humano sem retorno, podendo assumir um carácter de «ida-e-volta», sendo possível identificar mais-valias ou pelo menos alguns efeitos distributivos como o envio de dinheiro para as famílias, conhecimento e apropriação de novas tecnologias, contactos externos (Solimano 2003 e 2006). A noção de migração circular remete igualmente para a de circulação de cérebros (*brain circulation*), colocando-se a ênfase na transferência de tecnologia e no estabelecimento de redes de trabalho científico e empresarial entre países (Hugo 2003; Gribble 2008).

Caracterização sociocultural dos estudantes

Este grupo de estudantes quando se deslocou para Portugal possuía uma média etária de 27 anos, com idades compreendidas entre os 24 e os 33 anos. Dois deles eram casados, vivendo os restantes com os pais, irmãos ou outros familiares.

À excepção de um, que estudou em Timor Leste, todos os outros obtiveram o diploma de licenciatura na Indonésia. O grupo era composto por recém-licenciados, tendo terminado o curso em 2008. Alguns encontravam-se a trabalhar na SERN, outros tinham trabalhos de carácter temporário, mais ou menos qualificados. Apenas um se encontrava fora de Timor-Leste (na Indonésia), por motivos laborais, a trabalhar na sua área de formação.

Apesar de todos terem tido formação de base em áreas relacionadas com a Geologia, apenas três estudaram Engenharia Geológica, os restantes possuíam licenciaturas em áreas de aplicações mais específicas, quer na parte da exploração quer na parte da gestão (Engenharia de Minas, Engenharia de Petróleos e Gestão de Petróleos).

Apenas dois deles eram oriundos de Díli, sendo os restantes de diferentes localidades espalhadas por todo o território, a maior parte delas de cariz vincadamente rural.

Expectativas iniciais

Quando questionados sobre os motivos que os tinham conduzido a candidatarem-se à bolsa de estudo, as respostas remetem-nos para a ideia generalizada de que seria “uma coisa boa”, “importante para o futuro”, algo que eventualmente lhes traria perspectivas de um melhor emprego.

Contudo, as referências e conhecimentos prévios que tinham sobre Portugal eram reduzidos, e no que dizia respeito a Évora e à Universidade completamente inexistentes. Alguns tinham apenas como referência o facto de Portugal se localizar na Europa, e um outro tinha como referência a

⁸ ‘Migração: deslocação de uma pessoa através de um determinado limite espacial, com intenção de mudar de residência de forma temporária ou permanente’ (INE 2003).

⁹ Segundo dados da OECD e da UNESCO, o número de estudantes a prosseguir estudos superiores em países estrangeiros aumentou de 0,8 milhões em 1975 para 3,3 milhões em 2008 (OECD 2010, 313).

participação de Portugal no campeonato de futebol - Euro 2004. As ligações históricas e culturais que unem Portugal a Timor-Leste não são familiares a esta geração, nascida entre o final dos anos setenta e início dos anos oitenta do século XX.

O domínio da língua portuguesa era também muito diminuto¹⁰, mas mesmo esse facto não os fez recuar na sua decisão de se candidatarem. A única preparação que tiveram antes de partirem, além de alguns conhecimentos muito elementares da língua, foi a frequência de um curso intensivo de português com a duração de duas semanas. As expectativas iniciais relativamente ao que iriam encontrar eram também muito vagas, dominadas pelo acaso.

Estratégias de integração

1. Instituição de acolhimento

A nível da instituição de acolhimento foram desencadeadas acções no sentido de garantir condições não só para a sua estadia, mas também para procurar facilitar a sua integração com a comunidade estudantil, como por exemplo, a sua inscrição no Núcleo de Estudantes de Geologia da Universidade de Évora.

Como já referido, os conhecimentos de base deste grupo de estudantes não eram uniformes entre si (diferentes áreas de estudo a nível da licenciatura). Existiam também diferenças em termos da experiência de ensino/aprendizagem conhecida pelos estudantes (neste caso concreto, do sistema de ensino superior indonésio) e aquela praticada na Universidade de Évora, ou seja, de acordo com o modelo vigente no Espaço Europeu do Ensino Superior e o Processo de Bolonha.

De forma a minorar o fosso entre o seu património académico e a nova realidade com que se iriam defrontar, foi instituído um semestre propedêutico composto por disciplinas do nível de licenciatura em Mineralogia, Geologia Geral e Geologia de Campo, também leccionadas na Universidade de Évora¹¹. Devido ao seu fraco domínio da língua portuguesa foi igualmente instituída a frequência de aulas de português ao longo de todo o período da sua estadia, embora nem sempre fácil de conciliar com os cursos de língua portuguesa para estrangeiros já existentes na Universidade.

Quanto aos métodos de ensino, as disciplinas escolhidas para este semestre propedêutico contemplavam as diferentes tipologias típicas do ensino na geologia, a saber, aulas de gabinete, aulas laboratoriais e aulas de campo. Complementarmente o tutor realizou encontros semanais onde se falava e discutia cultura portuguesa, actualidades e outros assuntos de interesse geral.

O Quadro 1 resume as acções que foram desenvolvidas pela Universidade de Évora para a integração dos estudantes. De forma a agilizar e melhorar a comunicação com os estudantes, além da figura do tutor, foi contratado um estudante timorense com mais experiência em língua portuguesa, e que serviu muitas vezes de ponte entre o tutor e o grupo de estudantes.

Quadro 1 Acções de integração por parte da instituição

Inserção no “campus” universitário	Plano curricular
<ul style="list-style-type: none"> - Garantia de alojamento nas residências universitárias - Acesso temporário gratuito aos refeitórios universitários - Inscrição no Núcleo de Estudantes de Geologia da Universidade de Évora 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução de um semestre propedêutico (disciplinas de licenciatura) - Obrigatoriedade de aulas de português ao longo de dois anos - Adaptação das metodologias de ensino: reforço das componentes práticas
TUTOR	

Tendo em atenção os seus parcos conhecimentos sobre a nova realidade (não só a nível de ensino, mas também vivencial), a existência de um tutor tornou-se ainda mais relevante, não só no sentido de consolidar as diferentes acções desencadeadas a nível institucional, mas também a nível

¹⁰ Segundo os Censos de 2010, o domínio (saber falar, ler e escrever) das duas línguas oficiais e das duas línguas de trabalho por parte da população com mais de 15 anos é o seguinte: tétum: 56,1%; português: 25,2%; indonésio: 45,3%; inglês: 14,6% (DNE 2010).

¹¹ Disciplinas escolhidas do currículo da Licenciatura em Ciências da Terra e da Atmosfera e da Licenciatura em Engenharia Geológica.

pessoal, procurando agilizar todas as dificuldades e burocracias iniciais e situações de emergência. Embora o auxílio entre eles e entre outros estudantes com mais experiência existisse, apenas funcionava para questões ou problemas de resolução fácil e imediata.

2. Estudantes

Quanto às estratégias de integração desenvolvidas pelos próprios estudantes, identificámos não só a construção de uma rede social de apoio, como também o seu envolvimento quer como participantes quer como organizadores de eventos de diversas naturezas, e também com diferentes tipos de intensidade participativa (Quadro 2).

Quadro 2 Estratégias de integração por parte dos estudantes

Rede Social de Apoio	Participação em eventos	Organização de eventos
<ul style="list-style-type: none"> - Professores - Colegas do grupo - Outros estudantes timorenses já residentes em Évora - Igreja 	<ul style="list-style-type: none"> - Desportivos - Religiosos - Culturais 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação do Grupo de Estudantes Timorenses em Évora - Festas alusivas a datas comemorativas de Timor Leste - Aniversários

A nível académico contaram com o apoio dos docentes, que estavam a par das dificuldades linguísticas e de conhecimentos de base. Este foi aliás um dos aspectos destacados pelos estudantes, embora relembrem as dificuldades sentidas nas primeiras aulas, em que tudo era diferente daquilo a que estavam habituados em contexto de sala de aula, não só em termos linguísticos, mas também em termos de ritmo e de estruturação das matérias.

Para os restantes aspectos práticos do dia-a-dia recorriam a um ou outro estudante com melhor domínio do português, quer do grupo dos dez estudantes quer de outros estudantes timorenses que já se encontravam em Évora. Podemos concluir que a sua rede social de apoio local era bastante fechada, convivendo essencialmente entre si. Se por um lado esta situação apresentava vantagens imediatas, acarretou igualmente um conjunto de limitações, como aliás é assinalado por alguns dos entrevistados. Se por um lado constituía uma clara comodidade e um elo de entreajuda, por outro lado tinha o inconveniente de limitar as interações com outras pessoas, limitar o recurso ao português e mesmo a sua autonomia individual. Ainda assim, o facto de terem estado alojados em residências universitárias alargou um pouco a sua esfera de relacionamentos sociais, nomeadamente através do convívio com estudantes de outras nacionalidades.

Apesar destas limitações, essa dependência acabou por se traduzir num outro aspecto positivo, nomeadamente como uma estratégia de resolução de conflitos no interior do grupo, pois como é referido por um dos entrevistados:

A maneira timorense é complicada. Quando os timorenses convivem com pessoas de outras nacionalidades não tem problema, mas se tem mais de dois ou três timorenses juntos, tem problema.

Embora no seu discurso deixem vislumbrar ocasionalmente a ocorrência de algumas discórdias, o facto é que nunca foi reportado nem noticiado nenhum incidente entre eles durante a sua estadia na universidade, revelando uma capacidade de resolução interna. Mostra igualmente que o tipo de interacção entre eles possuía um cunho funcional e utilitário bastante marcado.

A criação do Grupo de Estudantes Timorenses em Évora funcionava quase exclusivamente para a organização de algumas festas alusivas a datas comemorativas em Timor Leste. Este grupo era constituído por todos os timorenses a estudar em Évora (chegou a ser constituído por 27 elementos). À semelhança do que é relatado noutras investigações (Mungoi 2006; Subuhana 2009), sobre grupos de estudantes africanos a estudar no Brasil, estas festas possuem uma forte componente identitária, não apenas em termos individuais, mas também em termos colectivos, em que perpassa um forte sentido de pertença nacional. A bandeira, o hino e a gastronomia timorense eram elementos constantes.

Resultado da experiência e expectativas futuras

Como já foi referido, todos os elementos do grupo de estudantes em análise apresentavam um reduzido domínio da língua portuguesa. Esse fraco conhecimento do português foi identificado por todos os entrevistados como o grande obstáculo, que dificultou a sua integração não apenas em termos académicos, mas também em termos de toda a interacção com o meio envolvente.

Quadro 3 Aspectos negativos e positivos

Aspectos negativos	Aspectos positivos
- Fraco domínio da língua portuguesa - Clima (Inverno muito frio e Verão muito quente) - Existência de muitas regras entendidas como limitativas da liberdade individual	- Aumentar os conhecimentos de português - Forte componente prática do ensino - Elevado nível de exigência - Condições de trabalho na universidade

Apesar de estarem familiarizados com um sistema de ensino diferente (sistema indonésio), e apesar de reconhecerem que lhes era exigido um esforço a que não estavam habituados, responderam de forma positiva, tendo mesmo indicado o nível de exigência como um dos aspectos apreciados no ensino. A componente prática e aplicada do ensino foram características que os estudantes também salientaram como relevantes para a sua formação.

Em termos de prosseguimento dos estudos no exterior, todos eles mostram disponibilidade para continuar se surgirem oportunidades para tal, quer seja a nível de doutoramento, de outras pós-graduações ou mesmo no aperfeiçoamento da língua portuguesa e inglesa.

Quando questionados sobre a possibilidade de saírem para trabalhar, podemos distinguir dois grupos: uma minoria que diz ainda não ter nenhuma ideia definida sobre o assunto, e a maioria que indica de forma convicta a sua vontade de ficar em Timor-Leste de forma permanente. A vontade de constituir e dar apoio à família foi um dos argumentos apresentados por um dos entrevistados para fixar residência no país, enquanto outro diz preferir os modos de vida a que está acostumado. Todos os outros se mostram movidos entre um misto de espírito nacionalista (como um dos entrevistados refere) e um sentimento de responsabilidade perante a necessidade de ajudar ao desenvolvimento do país e das famílias.

Já temos muitos timorenses que trabalham fora. Se todos saírem, então quem fica para trabalhar?

Considerações finais

Alguns dos factores que frequentemente se encontram associados à escolha do país de acolhimento para prosseguimento dos estudos, como a proximidade geográfica, sociocultural ou linguística, ou mesmo a qualidade de vida (IMO 2008), não foram considerados neste caso concreto. Pelo contrário, a questão linguística apresentou-se mesmo como grande obstáculo. A sua motivação consistia na importância de “agarrar” a oportunidade (bolsa de estudo, obtenção de um mestrado), independentemente das dificuldades, ou até sem ter uma noção clara das possíveis dificuldades. Todos eles concluíram a parte lectiva no período estipulado, contudo, o fraco domínio da língua portuguesa constituiu claramente um factor de empobrecimento da experiência de mobilidade estudantil internacional, não só em termos académicos mas também socioculturais. Enquanto a nível académico foram sujeitos a um esforço suplementar para a obtenção de aprovação, a nível social acabaram por se movimentar num espaço muito restrito e de carácter essencialmente funcional.

Num primeiro momento a opção de todos eles em ir estudar para Portugal insere-se predominantemente numa perspectiva individual (de projecto de vida, carreira, mobilidade social), contudo, em termos de perspectivas futuras, adoptam na sua maioria uma perspectiva colectiva (apoio/proximidade da família, desenvolvimento das instituições timorenses).

Embora esta pesquisa possua uma dimensão restrita ao caso em análise, é interessante verificar a aproximação destes relatos e destas vivências não só à noção de *brain circulation*, mas também à noção de transnacionalidade, no sentido em que, além do percurso que já possuem (de sucessivas migrações, da aldeia para a cidade, da cidade para o país vizinho e daí para Portugal) consideram ainda um continuado alargamento de fronteiras a nível cognitivo e físico (continuação de estudos no exterior),

mas com regresso “marcado” para o seu país. E embora apenas a longo prazo seja possível verificar até que ponto esta aposta na formação superior no exterior terá reflexos no desenvolvimento do país, é expectável que uma rede de conhecimentos e influências (a nível pessoal e profissional) se vá tecendo ao longo de todos esses trajectos.

Com base nos resultados observados, gostaríamos ainda de destacar os aspectos positivos e negativos desta experiência em termos globais, esperando que possam ser úteis não só para outros estudantes que prossigam os seus estudos no exterior, como para as instituições de ensino superior que os acolhem. Assim, e tal como ficou claro ao longo de toda a exposição, a questão linguística não deve ser descurada, devendo ser dada especial atenção ao ensino da língua. A abordagem que melhor resultou foi quando os alunos passaram a ter aulas de língua portuguesa apenas para o grupo e com maior frequência. É por nós sugerida uma frequência diária de aulas de língua e especialmente centrada na conversação e leitura. Por outro lado, a existência de um semestre propedêutico revelou-se bastante útil no sentido de diminuir o espaço de novidade (*novelty space*), sobretudo nos casos em que o sistema de onde os estudantes provêm é completamente distinto, assim como as componentes práticas. Por último, destacamos ainda a figura do tutor, não apenas nos moldes de orientador académico, mas enquanto veículo integrador de todos os espaços vivenciais.

Bibliografia

- Direcção Nacional de Estatística (DNE) 2010, *Population and Housing Census 2010: Social and Economics Characteristics, vol. 3*, Direcção Nacional de Estatística e United Nations Population Fund, Timor Leste.
- Glick Schiller, Nina, Linda Basch and Cristina Szanton 1995, ‘From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration’, *Anthropological Quarterly*, 68(1): 48-63.
- Gribble, Cate 2008, ‘Policy options for managing international student migration: the sending country’s perspective’, *Journal of Higher Education Policy and Management*, 30(1): 25-39.
- Hugo, Graeme 2003, ‘Circular migration: Keeping development rolling?’, *Migration Information Source*, www.migrationinformation.org, consultado em 9 setembro 2011.
- International Organization for Migration (IOM) 2008, *World Migration 2008 Report: Managing Labour Mobility in the Evolving Global Economy*, IOM, Geneva.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) 2003, *Meta-informação*, http://metaweb.ine.pt/sim/conceitos/Detail.aspx?cnc_cod=192&cnc_ini=11-04-2003, consultado em 9 setembro 2011.
- King, Russell; Findlay, Allan; Ahrens, Jill 2010, *International student mobility literature review*, HEFCE.
- Levitt, Peggy; Jaworsky, B. 2007, ‘Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends’, *Annual Review of Sociology*, 33: 129-156.
- Mungoi, Dulce, 2006, *O Mito Atlântico: Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no Jogo de Construção e Reconstrução de suas Identidades Étnicas*, Porto Alegre (tese de mestrado policopiada).
- OECD 2010, *Education at a Glance 2010: OECD Indicators*, OECD Publishing.
- Peixoto, João 2004, ‘As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas’, *SOCIUS Working Papers*, Universidade Técnica de Lisboa.
- Solimano, Andrés 2003, ‘Globalizing Talent and Human Capital: Implications for Developing Countries’, *4th Annual World Bank Conference on Development Economics*, Oslo, Norway, 24-26 de Junho de 2002, (versão revista).
- 2006, *The international mobility of talent and its impact on global development: an overview*, CEPAL – *SERIE Macroeconomía del desarrollo*, 52, United Nations Publication, Santiago, Chile.
- Subuhana, Carlos 2009, ‘A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias’, *Pro-Posições*, Campinas, 20(1): 103-126.